

Eixo N° 8: A formação do analista e sua relação com seu inconsciente

A formação do analista e a relação com seu inconsciente

Coordenadores: Eugenia Serrano (EOL) e Paula Szabo (EOL).

Equipe: Ivana Bristiel (Buenos Aires), Ángeles Córdoba (Buenos Aires), María Laura Errecarte (La Plata), Ariel Hernández (La Plata), Santiago Hormanstorfer (Buenos Aires), Adriana Lafogiannis (Buenos Aires), Pia Marchese (Córdoba), Gabriel Racki (Buenos Aires), Silvina Rojas (Buenos Aires), Ana Sol Sikic (Mendoza), Adriana Soto (Buenos Aires), Daniela Teggi (Buenos Aires), Analia Vidal (Córdoba), Dalila Yurevich (Córdoba).

Reinvenção

“Tal como penso agora, a psicanálise é intransmissível. É muito incômodo. É muito incômodo que cada psicanalista seja obrigado - posto que é necessário que seja obrigado a isto - a reinventar a psicanálise”¹.

O eixo que nos convoca, embora seja um, está composto pela articulação de dois enunciados, a formação do analista e a relação com seu inconsciente.

Começamos por interrogar a primeira parte. Partindo da citação acima, a psicanálise é intransmissível, Lacan enfatiza que ela não se dá pelos caminhos habituais da transmissão do saber de alguém que sabe a um outro que não sabe. O didata era a figura que encarnava esse saber, sabia o que era ser psicanalista e a partir disso dedicava-se, na análise didática, a ensinar aos outros como sê-lo. A boa forma para o analista ficava aprisionada, ritualizada, empurrando-o a uma identificação com esse ideal.

Essa lógica é questionada desde sua raiz com a formulação que tomamos. Sim, é intransmissível, porém não é impossível. Que há analistas é um fato.

Então, como acontece a formação do analista?

Cada psicanalista está obrigado a reinventá-la. Obrigado!

¹ Lacan, J., “Conclusiones del IX Congreso de la EFP”, 6 a 9 jul. 1978, inédito. Tradução livre.

A perspectiva possível parte não da boa forma, e sim do que não tem forma². Seguindo as pistas freudianas, o primeiro nome que localizamos no coração da psicanálise é “o umbigo do sonho”, o *Unerkannt*, o não reconhecido radical que habita o sujeito, em torno do qual se dirigem todas as associações.

Podemos pensar os caminhos da formação do analista retomando Freud em seu texto “Os caminhos da formação do sintoma”. Poderíamos pensar a formação do analista como o percurso na contramão? Esse caminho foi balizado pela descoberta do inconsciente e suas formações que se ordenam e constroem a partir disto, que é sem forma.

A segunda parte do nosso tema - a relação com seu inconsciente - não é menos problemática. O possessivo “seu”, a quem se refere? Ao analista em formação, ao praticante da psicanálise, costumamos dizer. Porém, enquanto praticante é o inconsciente do analisante que está em jogo e não o seu próprio. O praticante deve pagar com sua pessoa no tratamento que conduz. É um oxímoro? Ou o avesso do jogo?

A formação do analista não é fácil de se localizar. Poderíamos sair do imbróglio pensando em “o inconsciente” ou “naquilo que é inconsciente”³ e abrir assim os caminhos das mil formas de defini-lo nos diferentes autores - Freud, Lacan, Miller, etcétera - ou no mesmo autor, em diferentes momentos do seu ensino. Talvez aí possamos recortar um crivo, o temporal.

É necessário tempo para a formação, isso é indiscutível.

A chave é que o “seu” inconsciente nos introduz na dimensão clínica. Para a formação do analista é necessário ter passado pela experiência do próprio inconsciente. O analista praticante é, ao mesmo tempo, analisante.

A citação do começo prossegue com as linhas abaixo: “[...] é necessário que cada psicanalista reinvente, de acordo com o que extraiu do fato de ter sido psicanalisante por um tempo, que cada psicanalista reinvente a forma na qual a psicanálise pode perdurar”⁴.

Esse nó entre inconsciente e analista levou Lacan a propor a fórmula conhecida por nós: “os psicanalistas fazem parte do conceito do inconsciente”⁵.

² Bassols, M., “Lo que no tiene forma”, *Boletim 2 online da ELP, 3SP 3 semanas previas à IX Conversação da ELP, “El pase y la formación del analista”*, Madrid, 2007. (Consulta: 31/07/2022) Tradução livre. Acesso em 27 ago. 2023: <https://elp.org.es/wp-content/uploads/2019/07/CONV01-Boletines-3SP-1-12.pdf>

³ N.T.: No espanhol se trata somente de alterar o pronome: *El* inconsciente ou *Lo* inconsciente.

⁴ Lacan, J., “Conclusiones del IX Congreso de la EFP”, *op. cit.*

⁵ Lacan, J., “Posição do inconsciente”, *Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 1998, p. 834.

A crença no saber inconsciente que determina o sujeito, a qual chamamos transferência, localiza a possibilidade da transmissão dessa crença na intimidade de cada análise, um por um. Essa é uma condição necessária, mas é suficiente?

A dimensão clínica

“O analista, seja um analista nomeado, analista autoinstituído, analista experimentado, ou analista iniciante, o analista não está, em nenhum caso, exonerado de tentar, como Freud nos deu o exemplo, esclarecer sua relação com o inconsciente. Não disse amá-lo...”⁶.

Essa citação, encontrada no início do nosso percurso, orientou particularmente nossas reuniões, voltamos a ela uma e outra vez. *Après-coup* podemos sustentar que a pergunta acerca de como se produz esse esclarecimento funcionou como causa de todo o trabalho. Revisamos textos freudianos, lacanianos, millerianos e de outros autores do Campo Freudiano para fisgar pistas que pudessem nos orientar sobre este ponto. Lemos testemunhos de AEs e dedicamos um encontro ao trabalho sobre um caso clínico⁷.

A casuística que apresentamos aqui é só uma pequena parte dessa investigação.

Da autoanálise à saída do labirinto

Caso Freud

“Analisar-me foi, para mim, entre outras coisas, fazer a experiência da convicção da existência do inconsciente”⁸.

Em 1926, Freud *fantasia* com a criação de um instituto de ensino da psicanálise, porém, não deixa de insistir que a instrução teórica não é suficiente, é necessário se submeter à experiência⁹. Nesse mesmo ano Freud afirma que a psicanálise “proporciona o fio que permite sair do labirinto do inconsciente”. “Está tudo aí, meu velho - adverte-lhes Lacan aos

⁶ Miller, J.-A., *Perspectivas dos Escritos e Outros escritos de Jacques Lacan*, Rio de Janeiro, Zahar, 2011, p. 59.

⁷ Trata-se de “O despertar de um ato falho” de Belén Zubillaga, caso apresentado nas XXVIII Jornadas Anuais da EOL *Falemos do inconsciente, ainda*, sobre o que tivemos a possibilidade de conversar com ela em uma das nossas reuniões. Tradução livre.

⁸ Salman, S., “Un inconsciente analizado. Cuando el síntoma ya no se encuentra animado por el fantasma”, *Revista Mediodicho Revista Anual de Psicoanálisis*, n. 36, p. 155. Tradução livre.

⁹ Freud, S., “A questão da análise leiga”, *Obras completas*, vol. 20, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1996, p. 220.

estudantes -. Para conseguir que eles saiam, o senhor entra”¹⁰. Entrar para poder sair. Não é por acaso essa a estrutura mesma da experiência analítica?

A porta de Freud ao labirinto tinha sido sua autoanálise, dessa experiência Lacan nos adverte que de auto não teve nada, ele denomina a comunicação epistolar com Fliess de “a conversação fundamental”¹¹. Essa *writing cure*¹² podemos pensar que se caracteriza por uma direção: *do inevitável ao impossível*.

Freud descreve com certa timidez o umbral da experiência: “Venho atravessando uma espécie de experiência neurótica, estados curiosos que são incompreensíveis para a consciência, pensamentos crepusculares e dúvidas veladas, com um pálido raio de luz aqui e ali”¹³. Porém, como ele mesmo indicará a autoanálise terá lugar repentinamente¹⁴, resultando inexorável.

Em agosto, escreve: “O principal paciente a me preocupar sou eu mesmo. [...] A análise é mais difícil do que qualquer outra. [...] Mesmo assim, creio que precisa ser feita e que é uma etapa intermediária em meu trabalho”¹⁵.

Alguns meses mais tarde localizará com precisão a relação com um impossível. Trata-se de uma carta extensa na qual vale a pena deter-nos¹⁶. O núcleo conceitual é fundamental, Freud acredita se aproximar à origem da repressão. É nesse contexto que experimenta sua própria extimidade: “Só posso me analisar com o auxílio de conhecimentos objetivamente adquiridos (como uma pessoa de fora). A verdadeira autoanálise é impossível”¹⁷.

É mais ou menos nesta conjuntura que o intercâmbio com Fliess, no sentido da autoanálise, se detém, então por onde seguir? É o próprio Freud quem nos indica por onde nos dirigir: “Minha autoanálise está em repouso, em prol do livro dos sonhos”¹⁸. É através dos seus próprios sonhos que Freud se confrontará com uma nova versão do impossível circunscrita

¹⁰ Lacan, J., *O seminário, livro 17, O avesso da psicanálise*, Rio de Janeiro, Zahar, 1992, p. 195.

¹¹ Lacan, J., *O seminário, livro 2, O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, Rio de Janeiro, Zahar, 1985, p. 206.

¹² Lacan, J., “Conferencias en USA (2da parte)”, *Revista Lacaniana de Psicoanálisis*, n. 21, Buenos Aires, Grama, 2016, pp. 12-13. Tradução livre.

¹³ Freud, S., *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*, Rio de Janeiro, Imago Ed., 1986, p. 255.

¹⁴ *Ibid.*, p. 280.

¹⁵ *Ibid.*, p. 262.

¹⁶ *Ibid.*, p. 283.

¹⁷ *Ibid.*, p. 282.

¹⁸ *Ibid.*, p. 300.

no limite do ciframento-deciframento. Não seria possível localizar ali sua passagem de analisante à analista?

O desejo do analista e o desejo de Lacan

Caso Lacan

“Se o desejo do analista é um desejo impuro, o meu estava contaminado pelo gozo de ser o intérprete”¹⁹.

Menos de trinta anos depois, o que Freud tinha qualificado como uma ideia fantástica²⁰ provocou a excisão da Sociedade Psicanalítica de Paris e a criação, por Lacan, da Sociedade Francesa de Psicanálise. É notável revisar os documentos institucionais²¹ da época para extrair - inclusive antes da criação do dispositivo do passe - a posição subversiva de Lacan a respeito da formação do analista.

Destacaremos duas questões. Em primeiro lugar, na contramão da época, Lacan não fazia exigências temporais para as análises didáticas, neste ponto não fazia distinção com as análises que não o eram. Antecedente fundamental da invenção lacaniana do passe.

Em segundo lugar, a proposta explícita de uma formação teórica que favoreça a relação com o inconsciente. Nas palavras de Lacan: “Buscar-se-á no candidato não tanto uma formação enciclopédica como esse núcleo fértil de saber [...] cuja possessão consciente favorece o acesso do sujeito a uma organização estranha, ainda que seja inconsciente”²². Não seria essa a razão pela qual Lacan assumirá - tanto em seus escritos como em seu ensino oral - essa forma tão singular de transmissão?

Segundo a leitura que Miller faz do texto “De nossos antecedentes”, Lacan ingressa na psicanálise numa posição crítica - radical e explícita - em relação aos seus contemporâneos pela forma que liam Freud, e considerava a si mesmo um “reformador”²³.

¹⁹ Brodsky, G., “El Brote amargo del bambú”, *Freudiana Revista de Psicoanálisis de la ELP-Catalunya*, n. 1, Barcelona, ago. 2014, versão digital disponível para assinantes. Tradução livre.

²⁰ A criação de uma faculdade de psicanálise.

²¹ Referimo-nos àqueles que Lacan foi seu autor.

²² Miller, J.-A., *Escisión Excomuniación Disolución Tres momentos en la vida de Lacan*, Buenos Aires, Editorial Manantial, 1987, p. 20. Tradução livre.

²³ Miller, J.-A., *Seminário O desejo de Lacan*, publicação da Escola Brasileira de Psicanálise seção Bahia, Edição Biblioteca do Campo Freudiano Bahia, 1995, p. 28.

Esse gesto lacaniano atinge também o pai da psicanálise. O desejo que Lacan inventa, na contramão do desejo de dormir freudiano, é um desejo de despertar. Se o desejo é sempre desejo de dormir, o desejo do analista é uma exceção²⁴. Essa “invenção” interpreta o não querer saber freudiano que tinha em seu núcleo o amor ao pai. A partir dessa perspectiva, tomando o Caso Lacan “a relação com seu inconsciente” encontra uma modulação que nos interessa: “a formação do analista e a relação com seu desejo”.

A pergunta de Miller a respeito é provocadora: Não poderíamos dizer que há algo do desejo de Lacan nesta estrutura do desejo do analista²⁵? Talvez seja possível sustentar que se o desejo do analista consiste na destreza singular para encarnar o objeto *a* – “já que por isso ele seja rebotalho [rebut] da dita (humanidade)²⁶”. Então, não há na própria fórmula do desejo do analista um tratamento do desejo reformador de Lacan? Em todo caso, a provocação milleriana não se detém aí, já que com o esclarecimento da relação ao inconsciente se tratará de localizar de que está feita a impureza para cada um.

Do Rato de laboratório ao Canguru com pele de pato

Caso Miller

“Recriminavam-me por dar voltas como uma mosca [...] como a mosca que incomoda o cocheiro e lhe impede de avançar tranquilamente [...] dessa posição de incômodo de psicanalista, existe a marca do que Lacan chamou de o real, para mim. Uma posição que incomoda, mas desta vez, calculada, desejada”²⁷.

Dizer que este movimento de rato a canguru fala do devir analista não despertará rapidamente o desejo de identificar-se com isso como um ideal. Ou isso esperamos!

Não apenas no passe é possível circunscrever o desejo do analista. Um curso, uma vez por semana, ditado por J.-A. Miller pode ser a ocasião em que isso pode ocorrer. “Todo mundo é louco!”. Miller conta, no texto citado, que algumas vezes teve a sensação de estar fazendo um passe público. No curso mencionado dirá o que de sua infância antecipava sua profissão²⁸.

²⁴ *Ibid.*, p. 22.

²⁵ *Ibid.*, p. 26.

²⁶ Lacan, J., “Nota italiana”, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 313.

²⁷ Miller, D., “Mosca del Cochero”, *Journal de Journées*, n. 5, 2010. Tradução livre. https://www.eol.org.ar/congresos/congresos/amp_2010/journal/jj05.pdf, Acesso em 27 ago. 2023.

²⁸ Miller, J.-A., *Todo el mundo es loco*, Buenos Aires, Paidós, 2013, p. 55. Tradução livre.

O encantamento pelas mensagens cifradas na relação com o Outro do significante do qual era preciso garantir que pudesse não saber tudo.

“Não há dúvidas de que a psicanálise está baseada na língua e no fato de que há um animal que faz ruídos com a boca e não são meras flatulências²⁹. Seguimos Miller nesta afirmação, mas a maneira que a junção entre a língua e o corpo se realiza não é tão clara. Em seu caso o significante que nomeia essa junção é “eletricidade”. Que fosse eletricidade aquilo que podia transmitir a palavra do Outro, coloca em relevo uma enunciação singular. Nessa eletricidade podemos ler várias arestas. Uma, que colocar paixão à palavra não seja um esforço. Outra, a dimensão de padecimento que implicava: “Conseguí me virar com isso, pois entrei na psicanálise, não podia continuar assim como rato de laboratório recebendo descargas”³⁰.

A extrema fadiga no esforço por dizer a verdade sempre fazia surgir o tirano, e foi finalmente o que o levou à análise. Enunciar verdades para sempre, a solução aos 7 anos era insuportável e tornava impossível escutar o outro.

O que significou a experiência analítica neste caso? Interpor uma distância da conexão estreita e elétrica entre o significante e o corpo. Localizar a posição de base do analista como aquela que a palavra do outro pode deslizar-se sobre ele como pele de pato³¹.

“Senti inclusive fisicamente, com minha análise, que o lugar em mim onde um Outro que fala pode se alojar, se fez mais fundo [...] o lugar onde alguém iria subir para falar para mim, um cenário ou, como disse Lacan, um aterro limpo de gozo [...] Comparei-o, se me recordo bem, com a bolsa ventral dos cangurus. Tenho em mim uma espécie de bolso onde alguém pode adentrar [...]”³².

Se somos obrigados a reinventar a psicanálise a cada vez, Miller nos ensina com seu caso que não é sem o esforço de tentar cernir a marca de um real, a forma singular na qual a língua impactou no corpo e como, com isso, se advém analista.

No hiato entre o que se pode e o que não se pode ensinar

²⁹ *Ibid.*, p. 57.

³⁰ *Ibid.*, p. 70.

³¹ *Ibid.*, p. 76.

³² *Ibid.*, pp. 76-77.

“Se o ensino de Lacan constitui uma exceção, assim o é porque ele assume, se assim podemos dizer, essa hiância e a elabora. Os demais a preenchem. A tendência do psicanalista é, de fato, preencher o vazio no qual se sustenta o seu ato. Com quê? Em sua teoria, com substâncias; isto é, com fantasmagorias conceituais, eruditas ou literárias. Descreve-se um país encantado do qual se volta e se diz: É assim, eu fui, é assim. Procede-se como se o inconsciente pudesse ser representado. É a bebedeira dos psicanalistas”³³.

A proposta do ENAPOL constituiu um convite para lembrar mais uma vez o ponto fecundo do impossível de nossa formação. O trabalho de Escola não é outro que o de velar por esse vazio, de sustentar esse hiato entre o que se pode e o que não se pode ensinar.

Tradução: Ana Beatriz Zimmermann
Revisão: Paola Salinas e Gustavo Ramos

³³ Miller, J.-A., "Escisión Excomunió...", *op cit.*, p. 248. Tradução livre.